



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15067 - Resumo Expandido - Trabalho - XVII Reunião Regional da ANPEd Centro-oeste (2024)  
 ISSN: 2595-7945  
 GT 12 - Currículo

**MODOS OUTROS DE CRIANÇAR E FAZERPENSAR CURRÍCULOS CONTEMPORÂNEOS: movimentos que resistem e (re) inventam o cotidiano escolar.**  
 Rosilene Lopes de Pinho - UNEMAT - Universidade do Estado de Mato Grosso  
 Maritza Maciel Castrillon Maldonado - UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO

**MODOS OUTROS DE CRIANÇAR E FAZERPENSAR CURRÍCULOS CONTEMPORÂNEOS: movimentos que resistem e (re) inventam o cotidiano escolar.**

Os movimentos observados, os sentidos narrados e as forças criadoras que (re) existem no *espaçotempo* (ALVES, 2008) da escola Multipla escolha, instigou-nos a escrever esse texto. A pesquisa problematizou algumas questões referentes às crianças, infâncias, currículos e a criação de vídeos que percorrem no cotidiano escolar de uma escola Estadual do município de Cáceres/MT. Utilizou-se como escopo investigativo a cartografia deleuziana com objetivo de perceber modos outros de curricular, buscando dar visibilidade aos diferentes *saberesfazeres* (ALVES, 2000) que movimentam os *espaçotempos* da escola.

### **MOVIMENTOS INICIAIS ...**

O presente texto apresenta resultados parciais de uma pesquisa de mestrado que abordou sobre as potências criadoras que (re) existem e movimenta o *espaçotempo* escolar, e que nos faz pensar em currículos outros. O estudo demonstrou o quanto o acesso aos artefatos tecnológicos, ao consumo e à produção de vídeos fazem parte da cultura contemporânea das crianças. Procuramos, na pesquisa de campo, identificar crianças que *produzem vídeos* com o uso de celulares, máquinas fotográficas e *tablets* para criar narrativas cotidianas, não importando se os postam ou não em plataformas, se possuem ou não canal em alguma plataforma.

Inicialmente, realizou-se um mapeamento mediante aplicação de um questionário, onde resultou: das 70 crianças participantes da pesquisa, 31 delas produzem vídeos, e 11 publicam em alguma plataforma. Pela quantidade de crianças e pelo tempo disponível para a realização da pesquisa, o critério utilizado para trabalhar com uma quantidade significativa de

participantes foi considerar as duas salas com maior número de crianças produtoras de vídeos, no caso, o 4º e o 5º anos. Porém, das 19 crianças que produzem, apenas 10 aceitaram, participar da entrevista.

A intenção na pesquisa, era saber se as produções apresentavam mais características de reproduções, atendendo aos apelos da sociedade de consumo, ou se traziam singularidades, e quais conteúdos eram produzidos. As entrevistas foram filmadas com a câmera do celular, por opção das crianças, e apenas uma optou por sua narrativa ser somente gravada. De uma forma geral, constatou-se que, dos dez (10) *praticantes pensantes* entrevistados, nove(9) possuem canal em alguma plataforma; quatro(4) produzem vídeos e preferem deixá-los somente no aparelho; outros seis(6) publicam suas produções em plataforma. Isso mostra que essas crianças também são constituidoras de cultura, na medida em que publicam suas produções em algumas plataformas.

Quando nos propusemos a escutar as crianças, a curiosidade em saber mais e mais sobre seu olhar, suas opiniões, seus gostos, não cessava. Eram tantas as perguntas a fazer, tantas narrativas que desejávamos capturar.... No entanto, o que mais nos intrigava, desde o início, era saber quando, como e com quem aprenderam a gravar e produzir vídeos; nosso objetivo era justamente saber se essas crianças se inspiravam somente nos *youtubers* mirins ou se tinham outras referências. As palavras delas foram:

*Mary Jane: Aprendi com a ajuda de minha prima e comecei a gravar desde os seis anos de idade.*

*Tintin: Aprendi a gravar vídeos com meu irmão. Ele tem canal no YouTube e me ensinou quando eu tinha seis anos de idade.*

*Lebrac: Aprendi a gravar vídeos aos sete anos, com meu primo.*

*Gibusinho: Aprendi tudo com a minha prima, aos cinco anos.*

*Zahra: Aprendi a gravar e produzir vídeos com a minha mãe desde quatro anos de idade.*

*Yaaba: Aprendi a gravar vídeos sozinha. Um dia, eu peguei o celular e estava mexendo na câmera dele, aí, apertei pra filmar e gravei meu primeiro vídeo. Acho que eu tinha uns quatro anos.*

*Isabelle: Aprendi a gravar vídeos com a minha irmã, quando eu tinha seis anos.*

*Asteca: Aprendi a gravar e produzir vídeos com a minha prima, que gravou um vídeo pra postar. Tem somente um ano que comecei a gravar.*

*Alice: Aprendi a gravar vídeos por meio dos *youtubers* mirins, aos oito anos de idade.*

*Phoebe: Aprendi a gravar vídeos sozinha, desde os seis anos de idade.*

Percebe-se que, de dez(10) crianças, quando iniciaram suas produções, nove receberam estímulos, ajuda e influências de pessoas que fazem parte de sua vida cotidiana; apenas uma(01) criança aprendeu diretamente com os *youtubers*. Nota-se, que essas crianças nascem e crescem no mundo da cibercultura, um *espaçotempo* em que as imagens e sons permeiam suas experiências. Essas experiências fazem com que tenham facilidade e naturalidade em narrar, escrever e transformar a realidade em que vivem por meio de narrativas que vão além das orais e escritas – são as narrativas audiovisuais.

Todas as espécies de narrativas fazem parte da formação da criança, constituem seu “mar de histórias” e trazem possibilidades de criação, combinando-se e juntando-se numa hibridação entre contos orais, mídia e literatura, podendo ser cada vez mais ampliadas, recombinadas e recriadas em novas histórias. (FERNANDES, 2009, p. 220-221).

Esta cultura, de crianças produzindo narrativas se tornou algo corriqueiro, tem levantado algumas posições, alguns conceitos, discursos e enunciados com tendências diversas, mas o que se destaca é a negatividade. Sabendo que enunciados contribuem para que discursos sejam construídos e permeiem a sociedade contemporânea, na pesquisa procuramos trazer as produções dos *praticantespensantes* da Escola Múltipla Escolha como possibilidades de narrativas contadas por eles, como formas de expressar como percebem, como vivenciam, como veem e como entendem o mundo e nele vivenciam infâncias de seu tempo.

Durante a análise dos conteúdos produzidos pelas crianças produtoras de vídeos da Escola Múltipla Escolha, percebemos que elas não são meras reprodutoras de conteúdos e comportamentos dos *youtubers* mirins. Em suas produções, nas reproduções, ressignificam o conteúdo e comportamento “imitado” e incluem fragmentos particulares, característicos de sua singularidade, como uma resistência ao já produzido. A resistência é a primeira força singular que rompe com o já instituído, com o já produzido, com o já dito, com o já pensado; ela cria possibilidades para as linhas de fuga, a serem adotadas como aberturas à potência criativa (DELEUZE, 1999). Resistência? Pode ser criada como abertura ao novo?

Utilizamos aqui o conceito “resistência” para abordar as produções de vídeos das crianças como narrativas que resistem ao padrão instituído das formas e direitos de narrar e que muitas vezes driblam a lógica mercadológica, trazendo singularidades. As produções mostram-nos maneiras outras de ver, pensar e agir, ou seja, apontam “a resistência como criação, como potência na gestação e experimentação de outras maneiras de existir” (OLIVEIRA JR., 2010, p. 162).

Oliveira utiliza-se dos dizeres de Arthur Omar (1997) para evidenciar que, ao escolhermos uma linguagem, estamos fazendo uma opção “para dar existência a uma obra qualquer”. As crianças, por meio de suas narrativas alteram e vão além do que a linguagem da rede mercadológica estabelece, fazendo com que haja uma resistência na maneira de narrar modos outros de existir. A resistência dá-se no próprio vídeo produzido pelas crianças da Escola Múltipla Escolha, na medida em que o conteúdo mostra o cotidiano das infâncias contemporâneas vivenciado de maneira nunca explicitada em forma de audiovisuais. Isso nos mostra outros modos de proliferar, resistindo aos “pacotes fechados de modos de subjetivar-se, direcionados modos de pensar, modelados modos de agir, enfim, empacotados modos de existir” (OLIVEIRA JR., 2010, p.162).

Segundo explica Deleuze, “criar não é comunicar, mas resistir. Há um liame profundo entre os signos, o acontecimento, a vida, o vitalismo. É a potência de uma vida não orgânica, a que pode existir numa linha de desenho, de escrita ou de música” (DELEUZE, 1992, p.

179). No momento de observação durante o recreio, nas falas das crianças, pudemos perceber que o brincar de gravar vídeos, para elas, não vem da pretensão de praticar com o intuito de se tornarem *youtubers* algum dia, mas sim apenas de se divertir dentro de casa, por “*não ter nada pra fazer*”, bem como também que suas produções movimentam o *espaçotempo* escolar fazendo-nos pensar nos currículos *pensadospraticados* no cotidiano escolar e que muitas vezes passam despercebidos. Os currículos *pensadospraticados* nos cotidianos fazem com que as “formas de tecer conhecimentos” com diversos modos de agir mantenham diálogos “permanentemente uma com as outras”, o que resulta em diferentes resultados, e os resultados são apenas provisórios (OLIVEIRA, 2012, p.90).

Essa possibilidade advinda de currículos *pensadospraticados* efetua-se nos movimentos de experimentações que não estão instituídos como conteúdos a compor o projeto curricular, mas sim, no modo sentido e vivido pelos *praticantespensantes* dentro do *espaçotempo* escolar. Desta forma, a pesquisa – por meio da questão elaborada para as crianças: *você produz ou já produziu vídeos aqui na escola?* – procurou pensar como o processo de produção de vídeos por crianças movimenta o currículo da Escola Múltipla Escolha. Assim, pudemos perceber que das dez(10) crianças participantes, três (3) já produziram vídeos dentro da escola, e sete (07) não produziram, mas que gostariam de produzir.

Percebemos nas narrativas das crianças, que há um movimento no currículo por meio de produções de vídeos, e mesmo aquelas que não experienciaram a produção de vídeos no *espaçotempo* escolar, estão abertas a produzir, abertas a encontros. Esse movimento que acontece por meio das crianças no currículo leva-nos a dizer que são crianças curriculantes, pois, de acordo com Macedo (2013, p.428), “*todos envolvidos com as questões curriculares, são atores curriculantes*”. Assim, essas crianças são atores sociais de seus contextos socioculturais, onde criam sentidos no *espaçotempo* escolar e constituem suas próprias subjetividades; então, são curriculantes, “*até porque são criadores de sentido e não apenas portadores de sentido via seus processos aprendentes*” (MACEDO, 2013, p.428)

Portanto, para realizar algumas considerações finais neste texto, enfatizamos que, na atualidade, as crianças protagonizam formas de criar, pois nascem e crescem neste mundo em constante revolução, em um contexto multifacetado, permeado por culturas híbridas, pela dinâmica da vida, por contatos diários com artefatos tecnológicos e internet, o que possibilita o ato de criação. A criança, nessa relação com o ato criativo, convida-nos a todo momento a “*estranhar o que sempre foi tão familiar. A suspeitar das verdades colocadas acima de qualquer suspeita*” (CORAZZA, 2002, p. 57). E são essas formas de criar, de produzir, de pensar, de agir que movimentam os currículos e que reverberam no *espaçotempo* do cotidiano escolar na contemporaneidade.

**Palavras chaves:** Rizomas. Crianças. Currículos. Criação. Movimentos.

**REFERÊNCIAS:**

ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite. **A invenção da escola a cada dia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

CORAZZA, Sandra. **Era uma vez... Quer que conte outra vez?: As gentes pequenas e o indivíduo**. In: GARCIA, Regina Leite (Org.). **Crianças, essas conhecidas tão desconhecidas**. Rio de Janeiro: Dp&a, 2002. p. 31-52. (O sentido da escola).

DELEUZE, G. **O que é a filosofia?** Tradução de: Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Munoz. Rio de Janeiro: Coleção TRANS. Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. **O ato de Criação**. Palestra de 1987 Edição brasileira: Folha de São Paulo. trad: José Marcos Macedo, 1999.

FERNANDES, Adriana Hoffmann. **Infância e Cultura: o que narram as crianças na contemporaneidade?** Dissertação (Doutorado em Educação) – Programa de Pósgraduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Atos de currículo e Formação: O príncipe provocado**. In CURRÍCULOS: Problematização em práticas e políticas. Revista Teias v. 13 • n. 27 • 67-74 • jan./abr. 2012.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. **O Currículo como criação cotidiana**. Petrópolis: DP et Alli, 2012.

OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado de. **Videos, Resistencias Y Geografías Menores Lenguajes Y Formas Contemporáneas** de la Resistencia Olho. Faculdade De Educação/Unicamp .Terra Livre São Paulo/SP Ano 26, V.1, n. 34 p. 161-176 Jan-Jun/2010. Disponível em :  
<https://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/viewFile/316/299>